

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano
/ Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos.
- Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-788-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.885212012>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E O COMPLEXO PENSAMENTO HUMANO, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos sobre artes e outros temas.

Estudos literários traz análises sobre romances gráficos, representação do islã, autobiografia, leitura e (re)escrita na rede, imaginário, morte, marginalidade, letramento literário, literatura infantojuvenil, pessoa com deficiência e surdez.

São verificadas, em estudos sobre artes, contribuições que versam para conteúdos como fazer poético, ensino, música, corpo, dança, feminino, samba e metalinguagem.


No terceiro momento, outros temas, dispomos de leituras sobre racismo, violência, tradução, cuidado humanizado e saúde.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DISCUTINDO LITERARIEDADE EM ROMANCES GRÁFICOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE THE HOBBIT (1990) DE DAVID WENZEL E CHARLES DIXON	
Yan Victor Pinto Lopes Martins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120121	
CAPÍTULO 2	20
A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ E DO ORIENTE MÉDIO NA LITERATURA NORTE-AMERICANA	
Loiva Salete Vogt	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120122	
CAPÍTULO 3	32
AUTOBIOGRAFIA E ARTE EM <i>CAT'S EYE</i> , DE MARGARET ATWOOD	
Natália Pacheco Silveira	
Leonardo Pogliã Vidal	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120123	
CAPÍTULO 4	45
LEITURA E (RE)ESCRITA NA REDE!: ANÁLISE LITERÁRIA E LINGUÍSTICA NA OBRA DIAS PERFEITOS, DE RAPHAEL MONTES	
Tanise Corrêa dos Santos do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120124	
CAPÍTULO 5	56
LILITH GANHA ASAS NO IMAGINÁRIO DO CONTO SEM ASAS, PORÉM, DE MARINA COLASANTI	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120125	
CAPÍTULO 6	78
AS NARRAÇÕES DA MORTE E DO MORRER NO CONTO “MORTE SEGUNDA”, DE CAIO FERNANDO ABREU	
Priscila Bosso Topdjian	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120126	
CAPÍTULO 7	86
EXPERIÊNCIA E MARGINALIDADE NO ROMANCE “ELES ERAM MUITOS CAVALOS”, DE LUIZ RUFFATO	
Gislei Martins de Souza Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120127	
CAPÍTULO 8	97
LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO: CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA	

A FORMAÇÃO DO LEITOR

Sabrina Camargo Pinoti da Silva

André Luiz Alselmi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120128>

CAPÍTULO 9..... 108


TERMINOLOGIAS ATRIBUÍDAS À PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL – MUNDO IMAGINÁRIO OU ESTIGMAS?

Bárbara Rangel Paulista

Flávio Da Silva Chaves

Shirlena Campos De Souza Amaral

Crisóstomo Lima Do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120129>


CAPÍTULO 10..... 121

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS EM “CLÁSSICOS” DA LITERATURA SURDA INFANTIL

Anesio Marreiros Queiroz

Skarlette Jardannya Batista Cavalcante


Clevisvaldo Pinheiro Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201210>

CAPÍTULO 11 139

E.E. CUMMINGS E JOSÉ LEONILSON: O FAZER POÉTICO ENTRE O PAPEL E A TELA

Laura Moreira Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201211>

CAPÍTULO 12..... 151

REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS: REMINISCÊNCIAS DE ADOLESCENTES RECLUSAS

José Carlos da Rocha


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201212>

CAPÍTULO 13..... 165

SAINDO DA BOLHA” E “TÉCNICA E ESPIRITUALIDADE”: UM ESTUDO COM ACADÊMICOS DE MÚSICA COM EXPERIÊNCIAS PENTECOSTAIS

Ana Lúcia de Marques e Louro-Hettwer

Andressa Zambrano Freitas







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201213>

CAPÍTULO 14..... 173

O CORPO E A DANÇA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO: UMA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Danielle Márcia Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201214>

CAPÍTULO 15	182
PRESENÇA FEMININA NO SAMBA DE RAIZ: TIA CIATA, UMA TESTEMUNHA DOS TERREIROS, DA CULTURA E DA LINGUAGEM	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201215	
CAPÍTULO 16	196
AGOSTINO DI DUCCIO, ABY WARBURG E O ORATÓRIO DE SÃO BERNARDINO: ANJOS EM SERENA VERTIGEM	
Sandra Makowiecky	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201216	
CAPÍTULO 17	213
O GESTUAL X NA RECODIFICAÇÃO TÉCNICA E METALINGUÍSTICA NAS OBRAS DE MARIA BONOMI	
Marcela Matos Nhedo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201217	
CAPÍTULO 18	225
RACISMO E VIOLÊNCIA: A SEMIÓTICA DA DOR	
Érico Medeiros Jacobina Aires	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201218	
CAPÍTULO 19	237
INVISIBILIDAD DEL TRADUCTOR Y SU LABOR ...UN PROBLEMA DE TODA PROFESIÓN	
Claudia Andrea Durán Montenegro	
Adriana Araceli Padilla Zamudio	
Diana Guadalupe de la Luz Castillo	
Beatriz Pereyra Cadena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201219	
CAPÍTULO 20	245
A CARÍCIA ESSENCIAL E O CUIDADO HUMANIZADO EM SAÚDE: UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA ENTRE O VERBAL E O ICÔNICO CONCATENADA AS BASES DO PENSAMENTO COMPLEXO	
Cristiane Barelli	
Maria Lúcia Dal Magro	
Graciela René Ormezzano	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201220	
SOBRE O ORGANIZADOR	257
ÍNDICE REMISSIVO	258

EXPERIÊNCIA E MARGINALIDADE NO ROMANCE “ELES ERAM MUITOS CAVALOS”, DE LUIZ RUFFATO

Data de aceite: 01/11/2021

Gislei Martins de Souza Oliveira

IFMT- campus “Fronteira Oeste”

Pontes e Lacerda - MT

Orcid: 0000-0002-9297-6558

18/11/21

RESUMO: Aborda-se a tópica da marginalidade presente em *eles eram muitos cavalos* ([2001] 2005), de Luiz Ruffato, revelando as estratégias ficcionais que sugerem a perda da experiência na contemporaneidade, bem como o silenciamento dos sujeitos cujas vozes apenas são audíveis na/pela escrita literária. As personagens ruffatianas refletem as contradições e as inadequações histórico-sociais do mundo hodierno, o que produz a exclusão/alheamento não apenas social, mas principalmente de um entendimento acerca dos problemas existenciais cotidianos. Dessa forma, o trabalho concentra-se na suposição de que o homem tem se afastado cada vez mais daquilo que o torna humano e, assim, perde a capacidade de verter suas experiências em linguagem. A assertiva tem ressonância no estudo de Schøllhammer (2011) segundo o qual existe uma demanda de realismo na literatura brasileira contemporânea que, por sua vez, explica-se pelo fato de que a literatura vive o desafio de encontrar uma estratégia de expressar a realidade que não seja àquela criada pelos meios de comunicação para expor o indivíduo aos acontecimentos cotidianos. Outras pesquisas (DE MARCHIS, 2016; OLIVEIRA, 2007) são trazidas à baila com

a pretensão de mostrar como essa pluralidade de vozes silenciadas na grande metrópole, São Paulo, simboliza a decadência da modernização que foi imposta pelas elites que dominam o país. Sem ao menos impetrar uma busca pelo conhecimento, Ruffato parece sugerir que as suas personagens encenam o parasitismo da população brasileira frente à miséria e à corrupção da nossa sociedade, tendo em vista a perda de experiências e da própria condição humana a que foram submetidas.

PALAVRAS-CHAVE: *eles eram muitos cavalos*. Marginalidade. Experiência. Silenciamento.

EXPERIENCE AND MARGINALITY IN NOVEL “ELES ERAM MUITOS CAVALOS”, BY LUIZ RUFFATO

ABSTRACT: The marginality presents in *eles eram muitos cavalos* ([2001] 2005), by Luiz Ruffato, brings out fictional strategies that suggest the loss of experience in contemporaneity, as well as the silencing of subjects whose voices are only audible in/through literary writing. Luiz Ruffato’s characters reflect the historical-social contradictions of contemporaneity, which produces not only social exclusion, but mainly an understanding of everyday problems. Thus, the work focuses on the hypothesis that man has moved away from what makes him human and, thus, loses the ability to transform his experiences into language. According to Schøllhammer (2011), there is a demand for realism in contemporary Brazilian literature that shows how literature faces the challenge of finding a strategy to express reality that is not the one created by the media. Other researches (DE MARCHIS,

2016; OLIVEIRA, 2007) show how this plurality of silenced voices in the metropolis, São Paulo, symbolizes the decadence of modernization that was imposed by the ruling elites in the country. Ruffato believes that his characters show the parasitism of the Brazilian population in the face of poverty and social corruption, as well as the loss of experiences and the human condition.

KEYWORDS: *eles eram muitos cavalos*. Marginality. Experience. Silencing.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em “Instinto de nacionalidade” (1873) Machado de Assis levanta a seguinte conjectura: “O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” A assertiva indica a necessidade de uma literatura comprometida com as questões suscitadas em âmbito nacional, ou seja, situada dentro do espaço cultural em que é produzida. Ponto nevrálgico da literatura brasileira no XVIII, pois era mister afirmar o caráter tipicamente nacional da literatura, o que, nas palavras de Machado de Assis, consistiu, para muitos românticos, em reconhecer a nacionalidade apenas nas obras que trataram do elemento indiano e da cor local como patrimônio único do Brasil.

O debate proposto por Machado de Assis pode ser relacionado com o que estamos vivendo no momento atual: qual o destino da literatura em meio aos circuitos de massificação burguesa? Ou mesmo, como definir o papel do escritor na atualidade? Responder a essas questões nos leva a pensar que, conforme Karl Erik Schøllhammer (2011), existe uma demanda de realismo na literatura brasileira contemporânea. Esta, por sua vez, explica-se pelo fato de que a literatura vive o desafio de encontrar uma estratégia de expressar a realidade que não seja àquela criada pelos meios de comunicação para expor o ser humano aos acontecimentos cotidianos. Schøllhammer denomina de “indústria do realismo midiático” a exigência de noticiar a todo custo os acontecimentos sejam eles globais, políticos e/ou da intimidade de celebridades e anônimos.

O que muitos escritores têm feito é recriar a realidade não na tentativa de retomar um realismo tradicional e esvaziado de sentido, como afirma Schøllhammer. A literatura contemporânea tem em vista refletir sobre as contradições e as inadequações histórico-sociais presentes no mundo hodierno:

Visto desse ponto, o desafio contemporâneo consiste em dar respostas a um anacronismo ainda tributário de esperanças que lhe chegam tanto do passado perdido quanto do futuro utópico. O passado apenas se presentifica enquanto perdido, oferecendo como testemunho seus índices desconexos, matéria-prima de uma pulsão arquivista de recolhê-lo e reconstruí-lo literariamente. (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 12-13).

Nessa chave de leitura, inscrevemos o romance *eles eram muitos cavalos* (2005), de Luiz Ruffato, que projeta um mosaico de percepções sobre a realidade vivida nas grandes metrópoles brasileiras. Como veremos mais adiante, a obra de Ruffato compõe-se

de pedaços e/ou restos resgatados nas ruas e becos da cidade de São Paulo que projetam imagens estilhaçadas dos que vivem às margens da sociedade, como também dos grandes empresários e políticos do nosso país.

1 | ROMANCE-MATRIX

Muito se tem escrito sobre o romance *eles eram muitos cavalos* (2005), de Luiz Ruffato, principalmente no que diz respeito à projeção da *urbe* paulista com seus arranha-céus que enrijecem o homem, tornando-o quase que insensível à percepção do caos instaurado ao seu redor. Ruínas contemporâneas seria a definição dada por muitos estudiosos (Schöllhammer; Cury; Hossne, 2007) para caracterizar as agruras da urbanização de São Paulo pela perspectiva ruffatiana. Talvez tenha sido com um ponto de vista similar a este que Adauto Novaes (2009) discorre sobre a coexistência de dois mundos na sociedade contemporânea: o primeiro diria respeito ao mundo criado pela ciência com formato e definição, já o outro seria o mundo da vida humana circunscrito pela experiência histórico-cultural. Contudo, essa experiência vem se deteriorando com as exigências de velocidade e rapidez que regem a civilização tecnocrática e, como diria Novaes, estão fora de qualquer proporção humana.

Esses apontamentos permitem-nos refletir não apenas sobre a condição humana configurada em *eles eram muitos cavalos*, como também sobre o modo pelo qual o romance se estrutura a fim de encenar a marginalidade a que os sujeito são legados no mundo atual. Na obra ruffatiana, notamos que a economia de meios é levada ao extremo na medida em que o romance compõe-se por diversas histórias que estão entrelaçadas entre si em vez de apresentar um enredo tradicional. A obra possui 69 narrativas que aparecem interligadas entre si e se mostram em seus mais diversos formatos. Temos ainda a mescla de enredos curtos e longos que abarcam o literário propriamente dito, como também horóscopos, lista de emprego, descrições, simpatias, diploma, cardápio, panfletos de Santo, lista de livros, dentre outros. Sem contar, a projeção estética dada a recados gravados por secretária eletrônica, cartas, conversas realizadas em chat e outras. Ao lado disso, percebemos a glosa de gêneros textuais os mais distintos, mas que possuem um fio condutor que os plugam a uma matriz comum, e porque não dizer *Matrix*, já que, tal como no filme homônimo, as personagens do romance de Ruffato vivem certo estado de apatia em relação ao mundo circundante.

Para além de uma estética conformista, *eles eram muitos cavalos* termina por mostrar como a literatura consegue se reinventar na contemporaneidade e refletir a si mesma como em um jogo de espelhos. Por esse motivo, muitos críticos consideram que o romance de Ruffato ora recorre à tradição realista e/ou à estética modernista, porém com uma linguagem atualizada, para construir uma literatura que tenha compromisso com o real. A nosso ver, a linguagem de Ruffato alça o processo de reflexão sobre o ato mesmo

de criação estética tendo como base o que já foi produzido no âmbito do sistema literário brasileiro. Seria, portanto, o romance do escritor mineiro uma espécie de *hardware* que atualiza o acontecimento literário fazendo-o ingressar no processo de devir que leva o leitor ao conhecimento da Alteridade.

2 | EXPERIÊNCIA E MARGINALIDADE

A literatura representa um objeto histórico-social que promove uma reflexão sobre as experiências humanas no decorrer do processo diacrônico. De acordo com Novaes (2009), somente a inserção do homem em experiências significativas consegue dar sentido à vida. Dessa forma, a constituição da própria subjetividade se inscreve no desenvolvimento efetivo de experiências. Entretanto, como podemos discorrer sobre a condição humana quando assistimos, cada vez mais, há uma perda do significado de viver e compartilhar experiências? Ou melhor, como entendermos o lugar do humano no percurso de construção de artefatos culturais, iniciado pela humanidade, que resulta no silenciamento dos sujeitos que fazem a história? Para ampliarmos o debate a respeito das relações interpessoais produzidas no seio das grandes cidades em *eles eram muitos cavalos*, trazemos o fragmento extraído da narrativa “9. Ratos”:

Uma vez levou a meninada no circo, palhaços, cachorro ensinado roupinha-de-balé, macaco de velocípede, domador chicoteando leão desdentado em-dentro da jaula, cavalos destros, trapezista, equilibrista, pipoca, engolidor de espadas, maçã-do-amor, moças de maiô, algodão-doce, serrador de gente, pirulito, sorvete-de-palito. Aí começou a abusar da mais velha, agora de-maior, mas na época treze anos. Enfezada, despejou álcool nas partes, riscou cabeça-de-fósforo, o fogo ardeu a vizinhança, salvou os filhos, mas o tal, aquele, em sonhos de crack torrou, carvão indigente. (RUFFATO, 2005, p. 21).

A narrativa tem início com a descrição de um bebê que compartilha seu local de dormir com alguns intrusos peçonhentos, ratos. Estes, por sua vez, parecem devorar a criança que não se aflige quando tem sua fralda rompida para que suas fezes sirvam de alimento aos visitantes indesejados. O elemento escatológico passa a integrar a cena transformando-a na narrativa da vida anônima de uma mulher que mora com seus filhos nas ruas. Interessa-nos perceber em que medida a listagem das experiências vividas no circo não atinge nenhuma profundidade. O que se tornaria algo marcante na vida de pessoas que estão na miséria acaba por ser rebaixado ao nível de uma enumeração qualquer. Esse procedimento aponta para o vazio de experiências vivido pelas personagens de *eles eram muitos cavalos*. Nem mesmo uma linha de fuga se abre para fazer com que os indivíduos consigam escapar do cotidiano massacrante e repetitivo.

Na narrativa em estudo, todas as cenas são lançadas como um *flash* de luz que se esvai rapidamente e se sobrepõe diante de outros tantos acontecimentos. Vemos, por exemplo, o corte abrupto realizado entre a descrição da cena no circo e a que é feita no barraco em que a família vive e onde morre o suposto pai, estuprador de crianças. Em

seguida, outras imagens vêm à tona como em um caleidoscópio no qual o sujeito que as projeta fica mesmo exterior aos fatos delineados. Um sujeito que nem ao menos se comove com os ratos devorando a criança no leito, porque tudo isso faz parte de uma paisagem que se tornou trivial. Sem conseguir alçar experiências significativas os sujeitos se veem diante de cenas que atingem a esfera pública, como no caso do homicídio e do incêndio no barraco. Este incêndio espalhou-se a tal ponto que a expressão “ardeu na vizinhança” sugere os comentários levantados após o assassinato, como também a proximidade entre o domicílio em chamas e as demais casas circunvizinhas. Tanto em um como em outro caso, notamos que as personagens não conseguem separar a vida privada da pública.

Quanto a isso, recorremos a Newton Bignotto (2009) que disserta sobre as críticas arendtianas no que se refere à destruição do espaço público. Concordando com Hannah Arendt, Bignotto argumenta que a vida na cidade se constitui pelas diversas realidades vividas por cada indivíduo em sua intimidade. Diante disso, o autor considera que o espaço público vem sendo invadido “[...] por fatos e discursos que nada mais fazem do que repetir a vacuidade dos discursos privados diante da tarefa imensa de construir uma esfera pública na qual a cidade busca sua identidade.” (2009, p. 229). Os *reality shows* exemplificam essa importância dada ao privado frente ao público, já que fazem com que até mesmo seres anônimos tenham suas vidas mantidas sob vigilância:

A existência humana é sempre algo que se desenrola entre homens, que exige a constituição de um espaço comum, para que cada um possa ser visto em seu aparecer. Sem sermos vistos e ouvidos não somos nada para os outros e, por consequência, nada para nós mesmos. (BIGNOTTO, 2009, p. 230).

Com base nessas considerações, acrescentamos que as personagens de *eles eram muitos cavalos* vivem o paradoxo entre o público e o privado visto serem desprovidas de experiências que as elevem ao plano público. Os fatos descritos nas narrativas passam a integrar a esfera do público na medida em que se tornaram banais diante da realidade vivida nas grandes metrópoles. Nem mesmo com essa inserção do privado no plano público, as personagens do romance alcançam visibilidade sobre si mesmas. Isso pode ser explicado pela ausência de compartilhamento de experiências que sejam representativas para outrem, como veremos na narrativa “30. O velho contínuo”:

[...] vou pendurar o paletó na cadeira... enfio a gravata no bolso... largo aí... que mal faz? não vai sumir... amanhã torno a vestir... não custa nada agradecer à patroa... ela está velha, coitada... e a gente... Então o velho contínuo percebeu o desperdício de água, enxaguou as mãos, fechou constringido a torneira, enxugou-se com a toalha de papel, saiu do banheiro, olhos no chão, o rio, morto, os carros indiferentes, os prédios futuristas, a cortina escura do horizonte, *a velha, coitada* (RUFFATO, 2005, p. 64).

Aqui temos a história de um velho contínuo que entra no banheiro para fazer suas necessidades fisiológicas e tenta narrar uma situação de tiroteio ocorrida na rua da casa

onde mora, o qual assombra sua esposa. Em vão a personagem descreve toda a situação aos colegas de toalete e chega mesmo a se lastimar pelo desalento da companheira. Nenhum ser vivente sequer dá atenção ao que o velho procura descrever. Contudo, não há constrangimento algum por parte do contínuo quanto à desatenção e apatia das pessoas à sua volta em relação ao seu discurso. A personagem parece estar consciente de que sua fala vai cair no vazio ora pelo fato de que os indivíduos estão acostumados com esse tipo de situação, ora porque perderam o sentido mesmo de ouvir as experiências narradas e construir teias de entendimento.

A ausência de vínculo do homem em relação ao mundo comum, no ponto de vista de Bignotto, diz respeito ao aparecimento dos regimes totalitários que impossibilitou a construção de uma identidade com a qual o sujeito possa se reconhecer em sua humanidade e não apenas sob a insígnia da nacionalidade almejada. O autor ainda alude que “[...] devorados pelo barulho de uma civilização cada vez mais povoada por máquinas, os homens, mergulham no mundo, sofrem suas consequências, mas são incapazes de atribuir-lhe sentido e, por conseguinte, se desancoram da experiência da convivência com os outros.” (2009, p. 231). As personagens de *eles eram muitos cavalos* perdem o sentido da comunicação, o que revela ainda mais a catástrofe vivida na contemporaneidade que emudece os sujeitos. Desse modo, vemos o casal de “10. O que quer uma mulher” sem conseguir estabelecer um diálogo com o marido:

Mas o problema o problema é que cheguei à conclusão uma conclusão terrível você no fundo no fundo é um inconformista conformado no fundo você quer continuar dando suas aulinhas porque dentro da sala-de-aula ninguém te enche o saco ninguém te questiona.

Mas essa nossa pobreza é uma bela desculpa pra sua falta de empenho de ousadia de coragem você esconde sua covardia a sua falta de vigor atrás do seu inconformismo intelectual como se o mundo estivesse morrendo de medo da sua indignação (RUFFATO, 2005, p. 26).

A moldura oral acentua o teor da briga que mais uma vez cai no vazio quando o homem ignora as provocações da esposa e sai de casa. A falta de dinheiro entra em contraste com a vida visionária do marido que, conforme o argumento da companheira, não consegue ser ouvido/reconhecido nem mesmo pelos seus pares de trabalho. As personagens se encontram em um ambiente mecanizado que realça mais ainda o distanciamento da experiência amorosa. A cena configura um corpo social em ruínas na medida em que o sentido das relações interpessoais se perdeu no vácuo de atos de fala cujo interlocutor opta pelo silêncio. Com a impossibilidade de autorreconhecimento, o sujeito não consegue firmar raízes para viver experiências com as quais possa construir sua subjetividade. Assim, o término da narrativa encaminha-nos à percepção de que o marido vai sendo destituído de identidade em virtude de situações cotidianas que silenciam as verdadeiras experiências. Ele acaba sendo devorado por atividades diárias que sufocam o reconhecimento de si como ser que, em virtude da sua humanidade, estabelece uma

diferença em relação aos objetos culturais fabricados por ele mesmo.

Tais apontamentos faz-nos retomar o pensamento de Benjamin segundo o qual “[...] as ações de experiências estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.” (1994a, p. 198). Para o autor, a guerra mundial fez com que o sentido da viagem fosse extinto, já que os soldados voltavam mudos por conta do horror vivido ao invés de retornarem com experiências para serem transmitidas. Benjamin define a narrativa oral como aquela capaz de fazer ressoar a tradição e, para tanto, define dois tipos de narradores: o viajante, que vivenciou experiências, e o camponês sedentário, que escuta as narrativas e as transmite com novas percepções. O autor (1994b) ainda aponta que a evolução das forças produtivas fez com que o homem se tornasse um mero objeto ineficaz diante dos jogos de poder, o que resultou na perda da sua aura/autenticidade e no declínio da arte de intercambiar experiências pela falta mesmo de vivê-las. A avalanche de informações a que o indivíduo está submetido pelos mecanismos de informação reforça o individualismo que culmina em prejuízo para o desenvolvimento de experiências.

Vazio de experiências, o homem se perde em meio às forças produtivas, como o professor da narrativa mencionada anteriormente de *eles eram muitos cavalos*. Somente a um cachorro Ruffato dá a possibilidade de narrar o sentimento de falta em relação ao seu dono:

Concentrado, buscava reconhecer os rostos, dois dos três eram garotos ainda, quando sentiu a pontada na altura do pulmão [...]. Assustado, arregalou os olhos, [...] tinha que achar seu dono, que gostava de conversar com ele, acariciar seu corpo despelado, beijar seu focinho, brincar de cócegas, faz-lo de travesseiro, que dividia os restos de comida com ele. Dia desses, refestelou-se na grama do canteiro central de uma avenida, à tarde, nunca mais o viu. Lá ficou apenas o saco de estopa abarrotado de latas de alumínio macetadas. (RUFFATO, 2005, p. 29).

A cena leva-nos a interpretar que o animal consegue expressar a humanidade mais do que o próprio humano que já não consegue se distinguir dos objetos fabricados em série. Lembra-nos, o referido episódio, da personagem Baleia, a cachorra que faz um dos papéis principais na obra *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Baleia também possui sentimentos pela família com a qual convive e consegue externá-los na cena de sua morte, assim como o cachorro que procura seu dono em meio aos corpos da chacinha. Enxotado e violentado pelos humanos, o animal não desiste da sua procura e rememora momentos significativos na companhia do dono em um lugar qualquer da metrópole paulistana.

A violência, segundo Benjamin (1994c), configura-se como um gesto que demonstra o retrocesso do indivíduo ao estágio da barbárie. Em *eles eram muitos cavalos* a violência aparta o homem do convívio social e o trancafia cada vez mais dentro de casas, muros, cercas elétricas. O contato com o outro tem a possibilidade de ser realizado apenas em suposições feitas depois da morte como na narrativa “20. Nós poderíamos ter sido grandes amigos”, em que o narrador-personagem realça o fatalismo da existência e o distanciamento

dos sujeitos com os seus semelhantes: “Mas não nos conhecíamos. Nos vimos algumas vezes no elevador de serviço, a caminho da garagem do prédio, uma ou outra vez na piscina, ele lendo a Veja, eu nadando com a Joana e o Afonsinho.” (RUFFATO, 2005, p. 46).

Assim, o sujeito vai se afastando cada vez mais daquilo que o torna humano e perde a capacidade de verter suas experiências em linguagem. Embasada na leitura do poema épico de Homenro, *Odisseia*, Jeanne Marie Gagnebin (2006) define a cultura como sendo a habilidade humana de entrar em comunicação com o Outro e de proceder a uma troca simbólica. Contudo, as personagens de *eles eram muitos cavalos* parecem estar apáticas ao mundo que as rodeia e mergulham cada vez mais no vazio cotidiano. Fran, personagem da narrativa homônima, vive em um universo de espera que consiste na única atividade que está disposta a fazer:

Um ano já nesse apartamentinho, Jardim Jussara, quando pedem o endereço diz Morumbi, o que não é toda uma mentira, à janela a Avenida Francisco Morato, crianças filam trocados no farol da esquina, atira-se novamente no sofá, beberica uma terceira dose e uísque-caubói, verifica a campainha do telefone, *Está alta sim, no máximo*, tira o fone do gancho, *Está ligado sim*. Ah Augusto, velho Augusto, bom Augusto, no celular sempre a secretária eletrônica. Deixe seu recado após, no escritório a Miriam, Deixa comigo, meu bem, assim que puder ele retorna sua ligação, ele já sabe do que se trata, pode deixar (RUFFATO, 2005, p. 36).

Fran vive um verdadeiro parasitismo que se estende aos seus pensamentos, os quais são cortados por descrições do ambiente e, até mesmo, pelo narrador que assimila a voz desta personagem. À espera do telefone tocar, Fran não consegue alçar sequer uma reflexão sobre a vida que levou até então, pois a todo o momento cai no senso-comum de falar sobre horóscopos, numerologia, vidas passadas e outros assuntos sem relevância. O torpor vivido por Fran também constitui o sentido da existência de outras personagens das seguintes narrativas de *eles eram muitos cavalos*: “17. A espera”, “19. Brabeza”, “29. O Paraíso”. Fica claro que o romance de Ruffato encena a condição do homem contemporâneo que não consegue se encontrar em meio à desordem e aos conflitos que dominam o mundo. A velocidade e rapidez com que as informações precisam ser processadas fazem com que as personagens não consigam a liberdade suficiente para concretizar uma interferência na cultura e na história, configurando-as como seres silenciados e jogados à margem do processo social. O universo das experiências fica sujeito ao culto às mercadorias culturais e, principalmente, às forças de produção, que impedem a apreensão do desconhecido, a saber, a aventura humana em busca do conhecimento.

As contradições na experiência cidadina das personagens ruffatianas integra a perspectiva adotada por Vera Lúcia de Oliveira (2007) que também faz uma relação com o Modernismo quanto ao modo de configurar a megalópole paulista. De acordo com a autora, a produção do escritor mineiro dialoga com livros como *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Pau-Brasil* (1925), de Oswald de Andrade, *Brás*, *Bexiga e Barra Funda*

(1927), de Alcântara Machado, e até mesmo *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade. Oliveira também consegue ver algumas dessemelhanças como a que Ruffato instaura em relação a Oswald de Andrade:

Ao contrário de Oswald, no entanto, que privilegia, em sua leitura crítica do mundo paulistano, o humor, a sátira e a paródia, no caso de Ruffato, às inovações formais o autor associa um agudo e concreto sentimento de participação social, de *pietas* por todos esses seres infelizes, que compõe o retrato talvez mais pungente e doloroso, jamais elaborado, da capital paulista. (2007, p. 148).

Enquanto alguns críticos ilustram a relação da obra ruffatiana com a tradição literária brasileira, outros consideram contraproducente o escritor mineiro empregar uma linguagem fragmentária e caótica para tratar da realidade urbana da cidade de São Paulo. O caso de Ricardo Lísias é emblemático deste tipo de crítica que deixa de reconhecer os deslocamentos que a literatura de Luiz Ruffato tem feito quanto aos escritores do seu tempo. Por outro lado, Giorgio de Marchis (2016) rebate a perspectiva de Lísias quando elucida que *eles eram muitos cavalos* possui uma linguagem adequada à projeção da cidade paulistana e, acima de tudo, das experiências do homem em um cenário de democracia disjuntiva. Ao contrário da argumentação levantada pelo crítico brasileiro, o estudioso italiano se empenha em mostrar que o sentido da linguagem na obra ruffatiana está relacionado à ficcionalização da impossibilidade de significar o quão plural são as vozes que ressoam de uma metrópole, grande e contraditória, como São Paulo.

Interessa-nos, desse modo, as estratégias narrativas empregadas por Ruffato para sugerir em que medida o romance *eles eram muitos cavalos* explora os limites da condição humana. Ao evidenciar que o homem se aliena em seu percurso histórico-social e torna-se passivo diante de uma sociedade cada vez mais massificada, o escritor mineiro aponta para a degradação da experiência como uma forma de silenciamento empregada pelos regimes totalitários para inibir o exercício de uma atitude política da população frente aos problemas cotidianos. Resta apenas o vazio da espera ou mesmo de uma tarde de domingo sem nada para ser feito. Com recurso às descrições que são concatenadas como uma série de flashes, o autor configura a inércia das personagens no romance estudado, mostrando que o sujeito perdeu sua autenticidade e se transformou em um ser desprovido de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nosso percurso de estudo sobre a obra de Ruffato, *eles eram muitos cavalos*, chamou-nos a atenção o modo como o escritor retoma a tradição literária brasileira na tentativa de fazê-la expressar os paradigmas do universo contemporâneo. Os recursos estéticos deste romance, portanto, dialogam com o sistema literário brasileiro, mas instauram uma diferença quanto à forma de configurar a subjetividade em sua natureza fragmentária. De acordo com Theodor Adorno (2008, p. 58),

O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais. [...] Na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo.

O estranhamento com o qual Adorno caracteriza o romance consiste na estratégia de Ruffato em trabalhar o retorno das formas estéticas produzidas na tradição instaurando uma linguagem polissêmica que exprime as transformações ocorridas no contexto histórico-social. Estas, por sua vez, interferem no modo como a subjetividade vem sendo construída na contemporaneidade. Assim, consideramos que as personagens de *eles eram muitos cavalos* planam em torno de um movimento de passividade frente às contradições do mundo tecnocrático, já que em momento algum conseguem um desvelamento de si mesmas. Sem ao menos impetrar uma busca pelo conhecimento, Ruffato parece nos sugerir que as suas personagens encenam o parasitismo da população brasileira frente à miséria e à corrupção da nossa sociedade.

O desdobramento da linguagem sobre si mesma percorre as narrativas de *eles eram muitos cavalos* mostrando que o desejo ininterrupto pelo novo (originalidade) na literatura nem sempre constitui sinônimo de uma produção intelectual amadurecida. Roberto Schwarz (1978) alude sobre essa questão ao fazer o estudo do mal-estar em torno do caráter imitativo da vida cultural brasileira, que buscou, a todo custo, copiar modelos vindos de além-mar na tentativa de adaptá-los à realidade local. O autor destaca a necessidade de reconhecer que esta perspectiva de subtração não pode mais servir de parâmetro indicador da nacionalidade, pois faz apenas inibir a compreensão mais ampla da nossa cultura. A lógica da subtração apenas “[...] concentra a crítica na relação entre elite e modelo, quando o ponto decisivo está na segregação dos pobres, excluídos do universo da cultura contemporânea.” (SCHWARZ, 1978, p. 47).

Encenar as contradições da vida contemporânea significa lançar uma luz sobre aqueles que estão à margem da sociedade, e não nos referimos apenas à classe pobre que constitui a maioria em nosso país, mas sim a todos os que, de alguma forma, se perdem no anonimato nosso de cada dia. Ruffato além de configurar a perda da experiência na contemporaneidade em *eles eram muitos cavalos*, ainda revela o silenciamento dos sujeitos cujas vozes apenas são audíveis na/pela escrita literária. As personagens ruffatianas refletem as contradições e as inadequações histórico-sociais do mundo hodierno, o que produz a exclusão/alheamento não apenas social, mas principalmente de um entendimento acerca dos problemas existências cotidianos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. **Notas de literatura**. Trad: Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003.
- ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade – 1873. In: _____. **Machado de Assis**: crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad: Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- _____. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad: Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- _____. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad: Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994c.
- BIGNOTTO, Newton. A contingência do novo. NOVAES, Adauto (org.). **A condição humana – as aventuras do homem em tempos de mudanças**. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Ética e simpatia: o olhar do narrador em contos de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HOSSNE, Andrea Saad. Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.
- MARCHIS, Giorgio de. Narrar uma Cidade Obscena. **Afluente**, UFMA/Campus III, v.1, n.2, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/5828>. Acesso em: jan. 2017.
- NOVAES, Adauto. Entre dois mundos. In: _____. (org.). **A condição humana – as aventuras do homem em tempos de mudanças**. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Eles eram tantos corações, corpos, consciências. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- RUFFATO, Luiz. **eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boi-tempo, 2005.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: _____. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 2, 3, 5, 33, 76, 139, 142, 145, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 197, 211, 213, 214

Autobiografia 3, 4, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 43

C

Corpo 3, 5, 30, 38, 42, 48, 71, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 91, 92, 112, 120, 163, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 186, 187, 192, 195, 201, 202, 205, 226, 230, 232, 233, 234, 253, 254, 257

Cuidado humanizado 3, 6, 246, 249, 251, 256

D

Dança 3, 5, 42, 130, 141, 162, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 205, 206, 223

E

Ensino 3, 5, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 115, 138, 151, 152, 153, 154, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 171, 172, 176, 177, 178, 257, 258

Escrita 3, 4, 4, 6, 10, 11, 37, 43, 45, 46, 48, 50, 53, 54, 56, 86, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 115, 118, 130, 145, 151, 153, 154, 226, 227, 232, 236, 237

F

Fazer poético 3, 5, 139, 140, 141, 145

Feminino 3, 38, 56, 57, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77

I

Imaginário 3, 4, 5, 22, 23, 41, 52, 54, 56, 57, 108, 109, 116, 131, 155, 189, 193, 234, 236, 251, 256, 257

Islã 3, 4, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 227

L

Leitura 3, 4, 6, 3, 10, 28, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 49, 50, 53, 66, 84, 87, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 121, 139, 144, 148, 210, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 255, 256, 257, 258

Letramento literário 3, 4, 97, 98, 99, 104, 105, 106, 107

Letras 2, 3, 20, 30, 31, 45, 56, 78, 96, 97, 100, 105, 121, 139, 141, 143, 144, 194, 211, 212, 256, 258

Linguística 2, 3, 4, 2, 3, 45, 82, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 137, 138, 150, 182, 183, 184, 185, 193, 194, 195, 232, 258

Literatura 3, 4, 5, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12, 17, 18, 19, 20, 32, 33, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 69, 70, 71, 76, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 129, 130, 131, 132, 136, 145, 149, 150, 155, 183, 190, 210, 236, 256, 258

Literatura infantojuvenil 3, 5, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 119

M

Marginalidade 3, 4, 86, 88, 89

Metalinguagem 3, 251

Morte 3, 4, 26, 38, 40, 42, 46, 51, 52, 53, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 130, 217, 223, 230, 235, 237, 250, 254

Música 3, 5, 49, 50, 127, 128, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 189, 192, 193, 196, 197, 204, 205, 208, 235, 250

P

Pensamento humano 2, 3, 58, 255

Pessoa com deficiência 3, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 119

R

Racismo 3, 6, 226, 236

Representação 3, 4, 20, 22, 29, 31, 34, 38, 39, 42, 52, 64, 80, 111, 113, 115, 119, 153, 154, 157, 160, 191, 199, 205, 210, 218, 229, 233, 254

Romances gráficos 3, 4, 1, 4, 7, 12

S

Samba 3, 6, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Saúde 3, 6, 116, 156, 230, 237, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 254, 255, 256, 257

Surda 5, 121, 122, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Surdez 3, 122, 133, 134, 135, 137, 138

T

Tradução 3, 3, 4, 5, 15, 18, 19, 22, 23, 30, 31, 33, 37, 43, 70, 77, 79, 81, 84, 85, 134, 138, 145, 149, 150, 194, 195, 211, 237, 256, 257

V

Violência 3, 6, 5, 20, 23, 25, 28, 30, 92, 226, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 252

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

www.facebook.com/atenaeditora.com.br

